

E depois do mundo desmoronado?



MAC/UT - ECOB - RICO

António Costa Silva

Não temos nenhuma certeza sobre a porta de saída de um mundo desmoronado. Mas há algumas coisas que já sabemos

Edgar Allan Poe, num dos seus contos, descreve um reino onde se propaga uma epidemia, a morte vermelha, o que leva o príncipe e a corte a isolarem-se por completo numa abadia e a cortarem as ligações com o mundo exterior, deixando este entregue a si próprio. Cinco ou seis meses depois, “quando a peste mais furiosamente

grassava no exterior”, o príncipe resolve dar uma festa, um baile de máscaras para os seus amigos. Nessa assembleia de fantasmas aparece mascarada a morte vermelha, como “um ladrão na noite”, e faz o seu trabalho demolidor.

O génio do escritor americano ilustra bem uma das características de uma epidemia nova: há tudo menos certezas. Isto contrasta com o desfile de certezas que vemos hoje na luta contra a morte vermelha do nosso tempo. Neil Fergusson, um dos grandes epidemiologistas do Imperial College, disse: “Ninguém percebeu ainda totalmente este vírus. Ninguém sabe onde é a porta de saída.” Os sábios são sempre os mais humildes. Eles sabem o que não sabem.



É também interessante olhar para os que dizem que isto era previsível, que não se trata de algo inesperado e anómalo. São os profetas das coisas acontecidas. Também não virá deles a porta de saída.

Vivemos hoje em clausura. Estamos a reinventar a relação connosco, com o tempo e com a morte. Antes soletrávamos a morte como estação do passado. Hoje a morte invadiu a nossa vida. É a estação do presente. Perdemos o mapa para habitar o mundo. Agora habitamo-nos a nós próprios. Olhamos das janelas de casa a nova fronteira da realidade e procuramos não nos tornar obscuros ao girar em torno de nós próprios. Somos os cidadãos no seu labirinto. Nesta clausura, o tempo comprime o espaço. O físico empobrece e o espírito pode ficar mais ansioso e mais rico. Mudamos a nossa relação com o tempo. A lógica da pressa e do urgente desvanece-se no roçar lento dos dias. Temos mais tempo para a família e os outros. Reinventamos o sentido da vida. Vale a pena investir no humano. Não precisamos de viajar para nos encontrarmos.

Vivemos hoje num tom de cautelosa perplexidade. Face a todas as incertezas do futuro, os verdadeiros antigos já não são Homero ou os homens do Génesis. Somos nós. E, por isso, precisamos de uma ponte entre o mundo antigo e o novo. Mas essa ponte tarda. O que temos hoje é uma ausência que busca uma nova relação com a vida.



A nossa civilização não pode tornar-se numa experiência química ou biológica imprevisível. Temos de encontrar a porta de saída



Falamos à margem do mundo e somos o centro do medo. O vírus gera a incerteza que tudo corrói. Sentimos em nós a gravitação da fadiga. Somos um planeta à beira da perda. É preciso impedir que o medo global alargue o campo da irracionalidade. A nossa civilização não pode tornar-se numa experiência química ou biológica imprevisível. Temos de encontrar a porta de saída. E, por isso, precisamos de um novo alfabeto para habitar o mundo. Precisamos de voltar a falar com o futuro. O problema é que o futuro teima em não falar connosco.

A crise mais importante das nossas vidas exige um novo pensamento, um novo modelo económico e social, uma nova ordem internacional. Não basta dizer que nada será como antes. É preciso trabalhar com uma nova energia e acção para nada ser como antes. Não temos nenhuma certeza sobre a porta de saída de um mundo desmoronado. Mas há algumas coisas que já sabemos.

A primeira: este vírus é um teste a todas as nossas instituições. E, no caso de Portugal, as instituições têm respondido de forma admirável. Como sempre, não faltam os críticos e até aqueles que se indignam porque o país é elogiado pela sua resposta ao vírus. Imaginem então se o número de mortos e de infectados fosse superior a outros países. A resposta das instituições, desde o SNS e DGS ao Governo, Presidente e Parlamento, é a prova de que um país vale pela força das suas instituições e das políticas públicas. E se esta crise contribuir para o seu reforço, isso gerará mais confiança que é crucial para enfrentar o futuro. E podemos também assistir a uma mudança na forma de fazer política, com mais projecto e menos rejeição, com mais cooperação e menos insulto, com mais adesão e menos desconfiança autofágica.

A segunda: o regresso do Estado. Não vamos ter ilusões. A crise sanitária está a deflagrar um *tsunami* económico e social. Hoje temos no mundo 95% do transporte aéreo, 80% do transporte terrestre, 60% das fábricas parados e 2/3 do PIB mundial paralisado. Nunca aconteceu antes na história. Precisamos de um Estado mais interventivo e mais forte para impedir que a economia entre em coma com uma cascata de falências das empresas e um desemprego galopante. Não é o mercado que vai resolver estes problemas. Sem uma mudança do paradigma económico e a intervenção maior do Estado na economia, sem tabus, vamos viver tempos ainda mais sombrios. Os Estados crescem durante as crises e é mais fácil aumentar a despesa. Sabemos que depois é mais difícil baixá-la e por isso é importante desenhar um modelo para salvar e reconstruir a economia e depois restabelecer um equilíbrio virtuoso entre Estado e mercado, que é o segredo da prosperidade.

A terceira: precisamos de um novo modelo económico e social que leve ao renascimento da economia e da sociedade. O mundo ia num caminho mau com o crescimento das desigualdades, do desperdício e da destruição ambiental. O vírus expôs todas as fragilidades desse modelo, incluindo o das cadeias logísticas longas e desproporcionais e a mobilidade incessante. Precisamos de

Data: 21.04.2020

Titulo: E depois do mundo desmoronado?

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 17



um novo modelo capaz de gerar uma sociedade mais justa, mais humana, com mais equilíbrio na distribuição da riqueza, maior proteção dos mais vulneráveis, mais tempo para a família, mais ética nos negócios, menor dominância do lucro e da ganância, mais atenção às pessoas e às comunidades, menor destruição ambiental e governos mais interventivos e mais reguladores na economia.

A quarta: a remodelação da ordem internacional. Vivemos num planeta em que as instituições multilaterais são frágeis ou irrelevantes, em que o nacionalismo e o populismo crescem, em que a cooperação internacional é substituída pelo insulto e a confrontação. Isto não promete nada de bom para o futuro. Henry Kissinger disse um dia: “Uma nova ordem mundial não

pode ser concebida como uma medida de emergência, mas é necessário uma emergência para produzir uma nova ordem mundial.” A emergência está aí e, com o mundo desmoronado, a porta de saída é o reforço das instituições multilaterais e não a sua destruição, é o reforço da cooperação internacional e não do isolacionismo, é a busca da decência e não da jactância e fanfarronice.

Quando uma grande epidemia assolou Atenas e tudo tinha sido tentado para a debelar, Epiménides, segundo conta o filósofo Laércio, advogou a edificação de um santuário ao “Deus apropriado”. Mas isso foi no século V antes da nossa era. Hoje estamos à procura do nosso “Deus apropriado”.

Professor do Instituto Superior Técnico

Área: 596cm² / 63%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6811075